

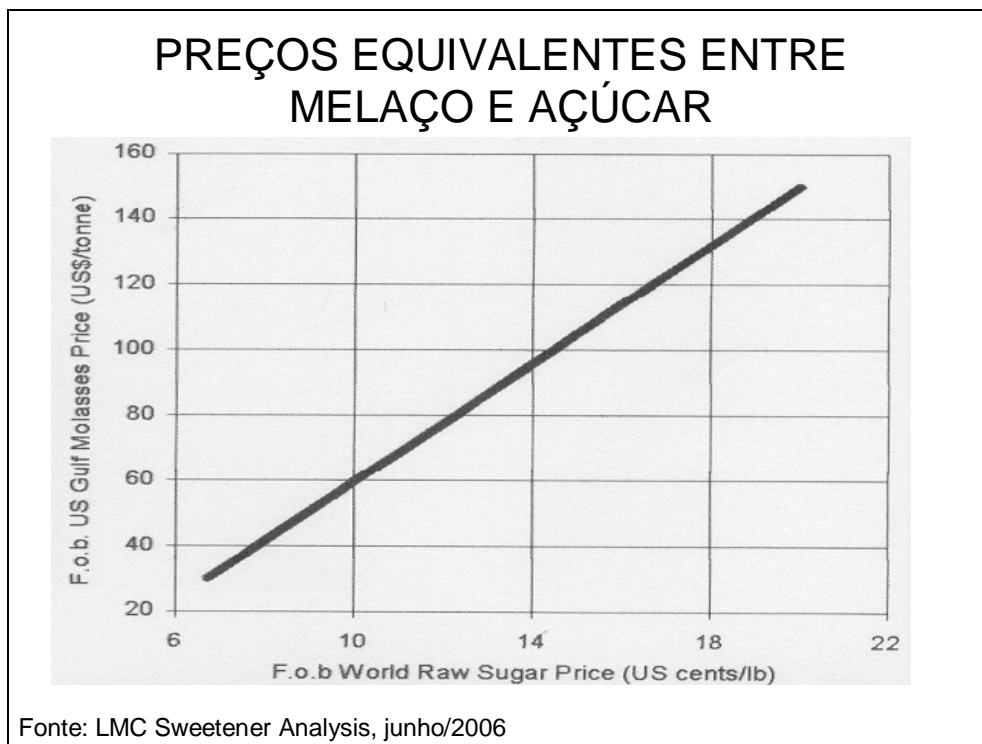
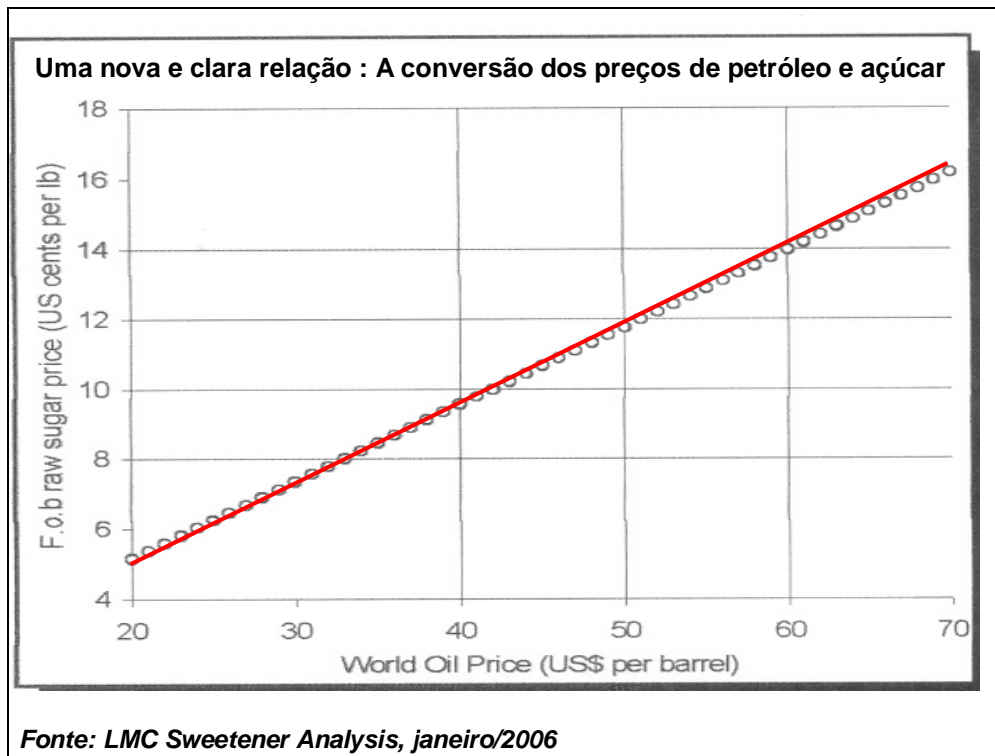
UMA CHANCE ÚNICA

Luiz Carlos Corrêa Carvalho
caio@canaplan.com.br

*“Álcool é a solução (e a causa) da
maioria dos problemas da vida”
Homer Simpson*

Poucos governos atrás, tivemos um Presidente da República que dizia ter somente uma bala na agulha e, portanto um único tiro possível para debelar os problemas brasileiros (que eram muitos para só uma bala). Mais uma experiência de “salvador da pátria” que nos traria muita dor de cabeça e emoções negativas. Graças ao bom Deus e política econômica e com responsabilidade abandonamos as experiências tropicais de gestão heterodoxa e hoje o país vive com inflação baixa, bastante menor avaliação internacional de risco, balança comercial positiva e crescente..... mas, ainda, graças a algumas ilhas de bons resultados.

Uma análise rápida do resultado Brasil (de caixa) mostra que a Deusa Ceres (da agricultura) vem providenciando o êxito comercial da balança brasileira. Após alguns anos de crise agrícola, há luz, água e sol para o setor voltar a crescer, em condições de competitividade. O setor de grãos, café, laranja e cana, puxam a recuperação, principalmente face a nova realidade da agroenergia. Em vários textos anteriores, nesta coluna, procurou-se caracterizar a mudança essencial para o agronegócio mundial, do movimento crescente e acelerado da agro-energia. Com exemplos claros da nova realidade, tem-se a estreita relação entre os preços crescentes do petróleo e dos produtos agrícolas voltados à produção de etanol e biodiesel:



Tanto para o açúcar e petróleo quanto para o açúcar e melaço, as correlações acabam sendo positivas e levam à lógica da correlação de preços açúcar e álcool, filhos da mesma matéria prima.

Mas outras correlações importantes acontecem: no caso do milho, nos EUA e trigo na União Européia, principais matérias primas para a produção de

álcool, preparou-se uma análise de elasticidades (no caso da oferta do produto, se avalia a mudança da oferta face 1% de mudança no preço):

Tabela: Oferta e Demanda (milhão de toneladas) de Milho e Trigo nos EUA e União Européia e suas Elasticidades				
	Milho		Trigo	
	Outros Países	EUA	Outros Países	União Européia
Elasticidade da Oferta	0,16	0,18	0,15	0,12
Fonte: LMC Starch & Fermentation, outubro/06				

Pode-se notar pela tabela o efeito interessante de aumento da oferta para cada 1% de aumento do preço, o que deverá levar ao crescimento da agroenergia também para o caso do biodiesel e a soja.

Essa nova realidade desperta vários tipos de reação: há os neo-maltusianos que procuram desesperadamente emplacar a visão que a agricultura não conseguirá produzir alimentos e energia para a população e renda crescentes e a conseqüente expansão das suas demandas; há os que dizem que não será possível aos biocombustíveis serem competitivos em custos; há os que já fazem as contas da ruptura tecnológica da produção de álcool das celulosas o que permitirá enorme capacidade de produção; há, também, os que dizem que alternativas fósseis darão conta das necessidades do setor transportes seja com tecnologias diferenciadas (carvão mineral vira combustível líquido; gás natural vira combustível líquido) ou seja com novos produtos fósseis como “tar sands” ou “oil shale”.

No caso das discussões em andamento, pode-se notar países ricos nas potenciais novas possibilidades de fósseis (Canadá/Austrália, entre outros) fazendo amplo esforço para viabilização; países sem opção energética natural (Japão/Coréia do Sul, entre outros) buscando negociar saídas via empresas em joint-venture em outros países ou mesmo importações garantidas de longo prazo; e países desenvolvidos buscando novas rotas tecnológicas (EUA/ U. Européia / e outros). E o Brasil?

O Brasil é, de fato, o principal exemplo de que é possível fazer etanol em nível de competição com a gasolina com petróleo de US\$ 34 a 40/barril (por causa da nossa valorização do real, senão seria menor que isso) e é o país que maior capacidade de expansão de produção possui. Mostra, no entanto

(também pelo lado positivo), um mercado interno crescente que consome a maior parte da expansão da oferta de etanol. Mas, vale ressaltar, esse é um ponto que gera algumas angústias nos potenciais compradores do etanol brasileiro e nos produtores internos que se assustam com o potencial crescimento da oferta e os seus efeitos nos preços do etanol e do açúcar.

Há nos EUA (Califórnia e Flórida), na Europa (Suécia e Holanda entre outros) e no Japão, Coréia do Sul e Indonésia, uma clara posição aberta de ter uma relação comercial sadia com o Brasil em termos do etanol. Seria queda de imposto de importação ou o dimensionamento de volumes, para que o Brasil tenha e dê segurança de oferta de etanol a esses locais.

No mês de janeiro de 2007, as grandes novidades vieram da Europa e dos EUA em relação às novas e maiores metas de consumo de biocombustíveis, em escala impressionante. Isso acelera o dito no parágrafo anterior e, por outro lado, reforça a necessidade dos mecanismos de segurança aos países importadores que o Brasil terá efetiva responsabilidade de atender aos compromissos potenciais de oferta. Isso irá requerer não apenas a maturidade de credibilidade privada mas, também, a do governo e da mídia, ambos agentes extraordinariamente importantes nessa evolução. Trata-se da regulação equilibrada pelo governo e do entendimento da volatilidade dos mercados de combustíveis passado, pela mídia, aos consumidores.

A possibilidade de equilibrar a oferta e a demanda internas de álcool carburante, a preços competitivos com a gasolina, via mercado, é a grande opção. Não se trata de acordos ou pressões contra qualquer setor mas de mecanismos que viabilizem o equilíbrio necessário em termos dos preços internos ao consumidor. Inclui, também, que o imposto estadual (ICMS) seja o mesmo, a todos os diversos estados, com base no exemplo do Estado de São Paulo que reduziu esse imposto (de 25% para 12%) aumentando efetivamente a arrecadação (+7%). A redução do PIS/COFINS trará a alternativa positiva do contrato de etanol da BM&F para distribuidores, corretoras e outros agentes de mercado, que assim viabilizarão o equilíbrio da oferta interna sem custos ao governo federal. Esperava-se que já viesse no acalentado novo PAC do governo Lula, mas não foi assim.

Vivemos uma chance única: a de sermos, de fato, a grande liderança mundial no campo dos biocombustíveis, com grandes oportunidades a todos os elos da cadeia produtiva nacional da cana-de-açúcar.

Há, no entanto, vários pontos de políticas públicas a serem avaliados e envolvidos no amadurecimento do país para o mercado:

- A gasolina e o gás natural tem preços definidos pelo Governo (na refinaria) e o álcool tem preços livres; é claro que se trata de uma competição complicada para o etanol; é claro, também que a CIDE incidente sobre a gasolina permite, mesmo nessas condições, a competição ao etanol.

No caso dos EUA os preços tanto da gasolina como do etanol carburante flutuam ao setor do mercado.

- Os estoques são bancados somente pelos produtores de etanol. Ou seja, há uma política de estoques para a gasolina mas não há para o etanol.
- Há uma incidência de PIS/COFINS na cadeia da tributação do etanol que tem inviabilizado uma maior participação das Distribuidoras na BM&F, como forma de dar liquidez aos contratos futuros do álcool, melhorando potencialmente o carregamento dos estoques.
- Há, efetivamente, que se lutar pela queda das barreiras impostas pelos países consumidores via impostos de importação, que dificultam tremendamente a efetiva transformação do etanol em commodity. Para tanto o governo e o setor privado precisam operar juntos essa transformação, buscando tranquilizar os países que iniciam ou já produzem o etanol sobre as condições brasileiras e o interesse Brasil de que seja uma ação ganha-ganha.
- Suporte efetivo de recursos em pesquisa e desenvolvimento, aí incluídos os GMO's e as novas tendências de processos industriais.

Nesse ritmo, a agricultura de energia vem ao encontro dos anseios da combatida e endividada agricultura de alimentos, vítima do ciclo vicioso dos baixos preços..... uma real oportunidade!